

Equites: Hierarquização e Diferenciação na elite guerreira celta nos séculos II e I a.C.¹

Luis Gustavo Reis Rodrigues

Graduado em História
CEIA-UFF
fall_babylon_fall@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo pretende analisar os diferentes níveis de hierarquização social na Gália, nos dois últimos séculos a.C., tratando mais especificamente da elite guerreira. Para isso, nossa principal fonte será o livro de Júlio César, *A Guerra das Gálias (De Bello Gallico)*, escrito na década de cinquenta a.C., que relata o processo da conquista da Gália.

Palavras-chave: Elite guerreira, Hierarquização social, Gália

Abstract

This article intends to analyze the levels of social hierarchy in Gaul during the last two centuries of the 1st millenium BC, specifically considering the warrior elite. Our main source is Caesar's *The Gallic War (De Bello Gallico)*, which narrates the Gaul's conquest.

Keywords: Warrior elite, Social hierarchy, Gaul

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar os diferentes níveis de hierarquização na sociedade gaulesa nos dois últimos séculos a.C. Para isso tomaremos como base os relatos de Júlio César, o *Comentários da Guerra das Gálias (De Bello Galico)*, escritos durante o processo de conquista, entre os anos 58 e 51 a.C. que em seu sexto livro discorre um pouco acerca da sociedade gaulesa.

Interessa-nos mostrar que a divisão social na Gália relatada por ele é verdadeira, mas é apresentada de forma bastante esquemática não correspondendo à complexidade social que se configurava à época.

ÉQUITES, DRUIDAS E PLEBE

Antes de tratarmos diretamente da estrutura social gaulesa, convém, primeiramente, analisar um pouco as razões de César escrever tais relatos. Os comentários do general romano tinham um objetivo e um público alvo. Escreveu do campo de batalha para a população romana, que provavelmente não conhecia os costumes gauleses e, por isso, a linguagem utilizada deveria ser de forma mais direta e inteligível para o povo romano. Contudo, uma parte da elite romana devia conhecer os gauleses devido à conquista do sudeste da região e ao comércio, assim, seus relatos não poderiam ser tão absurdos. César, ao tratar da Gália, deveria apresentar seus feitos como se fossem uma forma de “propaganda”. Assim, mesmo sendo o olhar romano acerca dos celtas, é possível apreender certas características peculiares dessas sociedades.

Como já comentado, o livro sexto merece destaque por relatar um pouco das práticas sociais dos gauleses. Questiona-se se César teria utilizado, ou até mesmo copiado, os relatos de Posidônio em sua análise (Dunham 1996: 112). É possível que isso tivesse ocorrido, mas não devemos perder de vista que ele esteve em contato com aquela sociedade. É simplista demais acreditar que apenas copiou algo sem parar para pensar no que ele mesmo observara. Seria subestimar as aptidões intelectuais de Júlio César.

É neste livro que César diz quais eram os grupos que compunham a sociedade gaulesa.

Dois são em toda a Gália os gêneros de homens, que são tidos em alguma conta e estimação. Pois a plebe, que nada ousa por si, e a nenhum conselho é admitida, quase é tida no lugar de escravos. (...) Mas destes dois gêneros um é o dos druidas, o outro, o dos cavaleiros (BG VI. 13).

Segundo ele, a sociedade gaulesa era dividida em: *equites* (cavaleiros, que correspondem à aristocracia guerreira aqui tratada), druidas e *plebes*. César considera como relevantes apenas os dois primeiros grupos, sendo a *plebes* quase semelhante aos escravos, devido ao tamanho grau de dependência em relação aos nobres. Com exceção da palavra druida, as outras duas são palavras latinas, ou seja, provêm de um contexto romano.

Vale fazer uma breve consideração sobre o grupo que César denomina como plebe. A plebe estaria num nível de dependência tal que não havia uma distinção real da sua condição à de um escravo. Nesse segmento da sociedade entrariam todos aqueles que não são *equites* ou druidas, sendo eles livres ou não. Num relato de Estrabão (V: 29), ao descrever uma cena de batalha, destaca que o cocheiro que acompanhava o guerreiro era um homem livre que era tomado das classes mais pobres, uma das raras

referências à função desempenhada pelo segmento mais baixo da sociedade gaulesa. César (*BG VI: 13*) diz que ao verem-se endividados, ou por causa de tributos e ou até mesmo a prepotência dos poderosos, esses indivíduos entregam-se em dependência aos nobres. O que se tem então é: uma camada da sociedade celta, que com certeza correspondia à maioria, estava submetida aos dois grupos de nobres.

Esses grupos de nobres correspondem aos *equites* e aos druidas, que são os grupos que compõem o que podemos chamar de elite gaulesa. Duas são as formas de diferenciação entre os membros e os não membros da elite: número e distinção. A plebe correspondia à parte produtiva da sociedade e, por isso, deveria ser em maior número, visto que as atividades sociais desempenhadas pelos druidas (sacerdotal) e cavaleiros (guerreira) não possibilitavam suprir as necessidades materiais dos membros desses grupos. Por isso, pelo critério numérico, cavaleiros e druidas são os grupos que compõem a elite (por fazerem parte da camada menor da sociedade). Segundo Pareto (Zanonni 1978: 8), a elite ainda é dividida entre elite dirigente e não-dirigente. Deve-se lembrar que muitas decisões eram tomadas pelos druidas (como a escolha de Vercingetórix como líder da Gália em 52 a.C.), e estes não tinham funções apenas sacerdotais, assumiam, também, atributos diplomáticos, jurídicos. Já os cavaleiros, através dos cargos de chefe/rei/magistrado, tinham basicamente funções militares. Segundo César (*BG VI: 15*), à época, a guerra era constante. Pelas funções desempenhadas, os druidas podem ser considerados como elite dirigente e os cavaleiros como a elite não dirigente, muito embora fosse do grupo dos *equites* que saíam os chefes locais. Apesar de serem grupos diferentes, não devemos encarar druidas e cavaleiros como sendo de segmentos extremamente antagônicos dentro da sociedade gaulesa. Muitas vezes eram membros de grupos diferentes da elite, mas pertenciam a uma mesma família, por exemplo, os éduos Diviciaco e Dumnorix (*BG I: 18*).

O segundo fator, de caracterização da elite, é a distinção. Por distinção, temos um conjunto de práticas sociais correspondentes à elite que a diferencia da “massa”. Essa distinção pode abarcar características culturais, econômicas e políticas, que já tornou-se explícito ao falarmos das atribuições concernentes aos dois grupos que compõem a elite gaulesa.

Assim, estão apresentados os dois primeiros níveis de diferenciação dentro da sociedade gaulesa a diferenciação entre os membros da elite e os não membros (massa ou plebe) e a diferenciação entre os membros da elite, ou seja, druidas *equites*. Um terceiro nível, que é o que nos interessa, é o da diferenciação dentro de um mesmo segmento social, no nosso caso, os membros da elite guerreira.

DIFERENCIAÇÕES NA ELITE GUERREIRA GAULESA

Acerca dos cavaleiros César diz:

O outro gênero [de homens] é o dos cavaleiros. Estes, quando é necessário, e ocorre alguma guerra (o que antes da chegada de César quase todos os anos costumava suceder, ou para empreenderem correrias, ou para repelirem as dos vizinhos), vão todos à guerra, e como cada um sobressai em nobreza e haveres, tanto mais guarda-costas e clientes têm em torno de si. Nisto fazem consistir todo seu crédito e poder (*BG VI: 15*).

Através deste relato pode-se notar que mesmo dentro do grupo guerreiro havia um nível de diferenciação baseada no prestígio de alguns aristocratas, que era manifesto através dos vínculos pessoais, da quantidade de pessoas que conseguia atrair em torno

de si. Clientes possivelmente eram aqueles dependentes da plebe e os guarda-costas membros dessa “elite guerreira”. Ateneu, citando Nicolas de Damasco relata sobre esses vínculos pessoais.

Nicolas de Damasco (ele era da Escola Peripatética) em seu volumoso *História* (que tem cento e quarenta e quatro livros) diz, no livro cento e dezesseis, que Adiatomus, o rei dos Sotiani, que é uma tribo celta, tem seiscentos homens escolhidos como guarda-costas, chamado pelos celtas em sua língua “siloduri”; em grego isso significa “limitado pelo voto”. “Esses homens os reis mantêm para morrer e viver com eles, desde o voto que os escolhidos fazem. Em retorno eles exercem o poder com ele, usam as mesmas roupas e têm o mesmo modo de vida e são absolutamente destinados a morrer com ele, se o rei morrer de doença ou em batalha ou de qualquer outra maneira. E ninguém pode contar nenhum caso de que algum desses homens agiu covardemente e fugiu da morte quando esta veio ao rei”. (Ateneu VI: 249) (tradução nossa)

Neste relato, é mostrado que os reis tinham à sua volta um grupo de guerreiros dispostos a morrer junto com eles, mas que estes gozavam do exercício do poder e de todas as benesses provenientes disto, ou seja, compunham um mesmo grupo social. Este trecho torna evidente que, o grau máximo de hierarquização dentro da elite guerreira gaulesa era o do cargo régio, ocupado por um indivíduo que provinha deste segmento social.

Os séculos II e I a.C. foram de grandes modificações na Gália celta (incremento do comércio com Roma, surgimento de moeda e dos *oppida*). O comércio com Roma foi um fator importante de demonstração de poder por parte de membros da elite, que o controlavam, mas ainda era pela força das armas que o poder era exercido nessas sociedades.

O FESTIM

Talvez a maior expressão de um *modus vivendi* da elite guerreira gaulesa, seja o festim. Segundo Barry Cunliffe (1997: 105), o festim era responsável pelo equilíbrio e manutenção da sociedade celta, e onde eram demonstrados o *status* e o prestígio de alguns indivíduos. Com isso, o festim seria a cristalização dos elementos característicos da sociedade celta: uma sociedade guerreira e hierarquizada.

Dois autores gregos clássicos que tratam do festim na Gália são Diodoro da Sicília, no seu livro *Biblioteca Histórica* (escrito entre os anos 60-30 a.C.) e Ateneu no livro *Deipnosophistae* (escrito no século III d.C.). Estes dois autores na verdade citam Posidônio, grego que viveu entre os séculos II e I a.C. e escreveu o livro *Histórias*. Esta obra de Posidônio não chegou até nós, a não ser por citações de outros autores, como os dois referidos. Vale ressaltar que, o festim descrito por eles tem características muito parecidas com o apresentado na literatura irlandesa medieval.

Diodoro (V: 28) relata que durante o festim, os gauleses lançam-se em disputas de combate singular, sem nenhuma preocupação com suas vidas. Essas disputas tinham como principal objetivo a “porção do campeão”, que era a melhor parte da carne (porção traseira do porco), oferecida ao melhor guerreiro. Segundo Ateneu (IV: 153-154), a “porção do campeão”, poderia ser reclamada por qualquer um dos presentes, sendo a contenda decidida através de combates, às vezes mortais. No festim, pode-se perceber um primeiro nível de diferenciação no grupo guerreiro, em que há variações do nível do valor guerreiro, entre os membros de um mesmo grupo, materializada pela porção do campeão.

Um segundo nível de diferenciação, no festim, pode ser notado a partir da disposição dos participantes no banquete. Havia regras explícitas sobre quem ocupava qual lugar no festim, baseando-se em níveis de *status*. Segundo o relato de Ateneu (IV: 151-152), os partícipes sentavam-se em círculo. O mais poderoso entre eles (segundo critérios de riqueza, habilidades na guerra, ligações familiares) sentava-se no meio. Ao seu lado sentava-se o anfitrião e ao lado de cada um os outros, segundo seu *status*. “Guarda-costas” armados ficavam atrás deles, e seus guarda-costas em um outro círculo, do lado oposto, partilhavam também do festim.

O festim celta foi, então, uma instituição que demonstra um pouco da complexidade nas relações sociais e as formas de manutenção e reprodução de um modelo de sociedade.

Assim, este demonstra os níveis de hierarquização por dois aspectos: de valores da sociedade gaulesa da época, como o valor guerreiro, a riqueza, os laços de parentesco; e o outro com a própria disposição espacial dos guerreiros no festim, transpondo ao nível visual esses valores reconhecidos dentro dessa sociedade.

CONCLUSÃO

É possível observar que mesmo sendo com um olhar romano, César minimamente consegue apreender certas características da sociedade gaulesa de meados do século primeiro. Como possuía objetivos específicos, ele não detalharia toda a sociedade gaulesa tal qual um cientista social faria em nossos dias. Mas, apesar da visão tripartite relatada pelo general, esta divisão torna-se bastante estática quando aproximamos nosso olhar, não demonstrando toda a complexidade presente na Gália. Sociedade esta que atravessava uma série de transformações que foram interrompidas com o fim do processo de conquista empreendida por Julio César.

ABREVIACÃO

BG – De Bello Gallico

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

ATHENAEUS. *The Deipnosophists*. Trad.: C. B. Gulick, London: Harvard University Press. (B. IV). 1969.

CÉSAR, Júlio. *Comentários sobre a Guerra Gálica (De Bello Gallico)*. Trad.: REIS, Francisco Sotero dos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1941.

DIODORUS SÍCULUS. *Library of History*. London: Harvard University Press, 2000, Loeb Classical Library, Books IV, 59-VIII, (tran. C. H. Oldfather).

STRABON. *Géographie*. Trad.: F. Lasserre. Paris : Les Belles Lettres, Livres III et IV. 2003.

BIBLIOGRAFIA

CUNLIFFE, Barry. *Greeks, Romans and Barbarians – Spheres of Interaction*. New York: Methuen, 1988.

_____. *The Ancient Celts*. New York: Oxford University Press. 1997.

DUNHAM, Sean B. “Caesar perception of Gallic social structures”. In: ARNOLD, Betina e GIBSON, D. Blair. *Celtic chieftdom, Celtic state – The evolution of complex social systems in prehistoric Europe*. New York: Cambridge University Press, 1996.
ZANNONI, Paolo “The Concept of Elite” *European Journal of Political Research* 6 (1), 1978, pp. 1-30.

NOTA

¹ Este trabalho é parte da monografia de final de curso do autor, intitulada “*Equites: A Elite Guerreira Gaulesa. Poder e transformações sociais na Gália Céltica nos séculos II e I a.C*” e orientada pelo Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas.